

**A construção da escrita a partir do espaço público e privado: uma análise da
escrita atípica do texto acadêmico pela perspectiva espacial**

**The writing' through public and private spaces: an analysis of unusual
academic text writing according to spatial perspective**

Fernanda Taís Brignol Guimarães¹

Vinícius Oliveira de Oliveira²

1

Resumo: Este artigo analisa a construção da escrita atípica de uma dissertação composta por um conjunto de cartas endereçadas a interlocutores reais. Para tanto, apoiamos-nos nos Estudos sobre Espaço (Lefebvre e Soja), Novos Estudos do Letramento e Análise Dialógica do Discurso, de Bakhtin. Interessamo-nos, neste artigo, investigar o papel do espaço de formação pessoal e profissional na construção da identidade da pesquisadora, bem como a construção de sua escrita a partir do espaço público e privado. Os resultados mostram que a identidade da pesquisadora se constrói a partir da relação com o outro e de suas experiências vivenciadas através da configuração espacial de sua formação pessoal e profissional. O que se revela como determinante para sua escolha por registrar sua pesquisa em forma de cartas. Percebemos, também, a presença de uma escrita híbrida, que contribui para a construção não convencional do gênero acadêmico dissertação.

Palavras-chave: Perspectiva espacial; Terceiro Espaço; Espaço Público e Privado; Novos Estudos do Letramento;

Abstract: This paper analyzes the formulation of unusual writing in a dissertation composed by a set of letters addressed to real interlocutors. We ground this analysis in the studies about space (Lefebvre and Soja), New Literacy Studies and Dialogical Discourse Analysis (Bakhtin). The role of space in the writing's formulation interests us, due to the fact that it contributes for understanding the author's identity, as well as for the formulation of writing in the public and private spaces. The results show the researcher's identity is formulated through the relation with the "another" and also through her personal experiences lived through the spatial configuration of his personal and professional development. It shows its importance for registering her research through letters. We also could realize the presence of a hybrid writing, which contributes for the building non-conventional of dissertation genre.

¹ Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Pampa – Unipampa e Pós-Graduação em nível de Especialização pela mesma universidade. É Mestre em Letras/Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, com bolsa CAPES e membro do Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens – LEAL/UCPEL. E-mail: fernandabage@hotmail.com.

² Possui Graduação em Letras pelo Centro Universitário Franciscano e Mestrado em Letras/Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, com bolsa CNPq. Atualmente, é Doutorando em Letras/Linguística Aplicada pelo PPGL – UCPEL e bolsista CAPES. E-mail: viniciusdeoliveira91@gmail.com.

Keywords: Spatial Perspective; Thirdspace; Public and Private Space; New Literacy Studies.

1. INTRODUÇÃO

(...) Por falar em provocação, para encerrar esta carta de esclarecimentos, farei uma despretenhosa (...).

Se houvesse essa categoria, talvez pudéssemos dizer que os textos acadêmicos são antônimos das cartas.

Em geral, eles são impessoais. Elas não.
Em geral, eles escondem as intenções. Elas não.
Em geral, eles são difíceis. Elas não.
Em geral, eles são formais. Elas não.
Em geral, eles se fazem passar por outros. Elas não.
Em geral, eles não são produzidos com desejo. Elas sim.
Em geral, eles não são manipulados com prazer. Elas sim.
Em geral, eles não têm emoção. Elas sim.
Em geral, eles não são acessíveis. Elas sim.
Em geral, eles não são sedutores. Elas sim.
Em geral, eles não são procurados. Elas sim.
Em geral, eles são masculinos. Elas são femininas quase sempre.
Em geral. Apenas em geral (SOLIGO, 2007, p. 21).

O fragmento acima faz parte da dissertação de mestrado intitulada *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*³, de autoria de Rosaura Angélica Soligo, defendida na Unicamp, no ano de 2007, dissertação esta que apresenta uma forma atípica da escrita do gênero acadêmico, já que sua escrita se dá por meio da forma composicional de um conjunto de cartas endereçadas a diferentes interlocutores. Trata-se de um fragmento de *Venho por meio desta...*, carta-capítulo escrita pela autora da dissertação citada para o livro *Porque escrever é fazer história* (PRADO e SOLIGO, 2005, 2007, p. 382). A pesquisadora utiliza-se desse trecho de seu livro para encerrar a carta à academia (uma das cartas que compõem a dissertação), em que ela faz uma justificativa com relação a sua escolha pela carta para apresentar o registro e os resultados de sua pesquisa.

A dissertação citada constitui-se como objeto de análise deste artigo⁴;

³ Dissertação disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420293>
Acesso em 08/09/2014.

⁴ O Estudo desenvolvido neste artigo resulta de uma articulação teórica de investigações mais amplas desenvolvidas durante os cursos de mestrado de seus autores. Dessa forma, é importante ressaltar que a dissertação *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos* foi também objeto de análise do estudo que resultou na escrita da dissertação *Uma análise dialógica da arquitetônica do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*, de autoria de Fernanda Taís Brignol Guimarães. Além disso, a perspectiva espacial e os Novos Estudos do Letramento serviram como base teórica que norteou a

interessa-nos investigar, a partir da análise desse exemplar de trabalho acadêmico não convencional, o papel do espaço de formação pessoal e profissional na construção da identidade da pesquisadora, bem como a construção de sua escrita a partir do espaço público e privado. Para tanto, investigaremos a construção da escrita atípica dessa dissertação, sob a perspectiva dos Estudos Espaciais, Novos Estudos do Letramento e Análise Dialógica do Discurso.

Assim, buscamos compreender em que medida a formação da identidade de Soligo – identidade esta construída a partir das relações dialógicas e da construção de sentido que emergem dos espaços de formação do sujeito – implica nessa construção não convencional do gênero, em que a escrita da pesquisadora permanece em um entre-lugar, ao alternar entre o uso tanto das formas composicionais da carta como do gênero acadêmico dissertação, fazendo uso ainda de marcas de narrativa. A esse respeito, é importante ressaltar que a construção não convencional do gênero acadêmico resulta em uma escrita híbrida, mas não altera o gênero em questão, já que realiza o projeto enunciativo de uma dissertação e não o de um conjunto de cartas⁵.

Para abordar as questões relativas aos gêneros do discurso, que organizam a linguagem nas diferentes esferas sociais, nos valem dos estudos de Bakhtin, que define os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Justamente por serem relativamente estáveis, os gêneros não se constituem como estanques – no sentido de seguirem fórmulas prontas ou regras fixas –, mas sim como um conjunto de conhecimentos e habilidades em dada esfera de comunicação, a fim de garantir ao interlocutor um bom desempenho ao transitar e interagir nessa esfera, mas que, ao mesmo tempo, são ajustáveis moldando-se de acordo com as necessidades dos interlocutores nas diversas situações de interação social.

Ainda pela ótica bakhtiniana abordaremos os conceitos de forças centrípetas e centrífugas, as quais atuam na construção da escrita da pesquisadora, e estão relacionadas à definição de gêneros do discurso, postulada por Bakhtin. As forças centrípetas são responsáveis pela estabilidade do gênero, pela recorrência de sua forma

investigação proveniente da dissertação de mestrado intitulada “*O Game The Grand Theft Auto V* como Rede de Letramentos: Um Estudo de Caso”, de autoria de Vinícius Oliveira de Oliveira.

⁵ Não é nosso objetivo, neste artigo, discutir questões referentes à realização dos gêneros do discurso de acordo com dado contexto de enunciação; projeto enunciativo; forma arquitetônica e forma composicional, dentre outros conceitos que a análise da dissertação *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos* suscitou em estudo mais amplo, citado em nota anterior. Para um aprofundamento a respeito desses e de outros aspectos da teoria dialógica, não abordados aqui, sugerimos a leitura da dissertação *Uma análise dialógica da arquitetônica do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*.

composicional e estilo. Já o termo “relativamente” liga-se às forças centrífugas, responsáveis por certa flexibilidade genérica, que garante sua adaptabilidade às necessidades reais de comunicação dos sujeitos.

Esse embate de forças se dá, principalmente, através das relações existentes entre a poderosa lógica instituída dos gêneros acadêmicos e o desejo instituinte da pesquisadora em ultrapassar as fronteiras desse gênero, de vencer as regiões limítrofes desse tipo de escrita, o que põe sua escrita em um entre-lugar, um terceiro espaço, através do qual, conforme postulado por Scheifer (2013, p. 934), citando Hall (2006), “o novo entra no mundo”. Conforme a autora, o terceiro espaço constitui-se como o lócus onde há a desterritorialização e uma nova reterritorialização de saberes e a partir do momento em que esses saberes novos se instalam e se instituem eles não mais constituirão o novo. Portanto, através do hibridismo resultante do uso de outra forma composicional: a da carta, e de marcas de narrativa, juntamente com as formas do gênero acadêmico, essa dissertação constitui-se como um exemplar não convencional do gênero em questão, fazendo com que o novo entre no mundo, como vimos na definição de Scheifer.

Nossa investigação se justifica, portanto, pelo fato de que não podemos negar o papel do espaço na construção de sentidos empreendida pelos sujeitos em suas práticas sociais. Ver o espaço além de uma definição que o resume a um *container*, que apenas suporta as ações dos sujeitos no mundo, é essencial para entendermos que as construções de sentidos incluem e estão incluídas em uma perspectiva espacial, isto é, o espaço não apenas contém, mas constitui, modifica, constrói significados, e, portanto, define as identidades sociais dos sujeitos.

Na próxima seção, faremos uma breve contextualização a respeito do objeto de análise deste estudo. Logo em seguida, apresentaremos o referencial teórico, o qual abordará os conceitos explicitados acima. Passaremos, então, à análise e discussão dos dados (recortes selecionados da dissertação por nós analisada, que se mostrem representativos para a investigação aqui proposta). E, finalmente, apresentaremos as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. A DISSERTAÇÃO QUEM FORMA QUEM? INSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS

A autora da dissertação analisada parte de uma metodologia embasada na

pesquisa narrativa ou autobiográfica⁶ e de uma problemática de pesquisa que envolve a investigação sobre a formação pessoal e profissional de educadores, na tentativa de compreender como se dá a relação instituições-sujeitos, mais especificamente a relação entre instituições/organizações educativas e profissionais que nelas trabalham. Através da análise de 32 memoriais de sujeitos principalmente da área da educação – memoriais estes que a pesquisadora toma como instrumento de geração de dados, nos quais os sujeitos de sua pesquisa narram suas experiências mais significativas nas instituições em que atuam ou atuaram –, a pesquisadora propõem-se a compreender como se dá essa relação, as mútuas influências que ocorrem e que tipo de profissional tem ações instituintes no ambiente de trabalho.

A forma atípica da escrita do gênero acadêmico se dá na forma composicional da dissertação citada, que ao invés de dividir-se em capítulos, como tipicamente apresentam-se dissertações e teses, está dividida em oito correspondências endereçadas a interlocutores reais. Através da escrita dessas correspondências, a pesquisadora teve de dar conta dos aspectos teórico-metodológicos da escrita científica. Dessa forma, ela apresenta todas as partes que geralmente compõem uma dissertação ou uma tese, como por exemplo, o referencial teórico, a análise dos dados, as referências bibliográficas, enfim, todos os elementos que devem constar em um texto que faz parte do gênero acadêmico para que se constitua como tal.

Além dessas oito correspondências, a dissertação conta ainda com a escrita do que a pesquisadora chamou de Carta aos Colaboradores (que contém os agradecimentos), Carta à Academia (através da qual ela justifica a forma escolhida para registro de sua pesquisa – a carta) e Carta aos Destinatários (endereçada aos gestores dos sistemas de ensino e profissionais responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de educação e de formação).

Conforme justificativa da pesquisadora a escolha por apresentar seu texto através da escrita de cartas se deu pelo seu desejo de contribuir de alguma forma com a área da educação, razão pela qual o registro da pesquisa é feito na forma composicional de cartas endereçadas principalmente aos profissionais responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de educação e de formação; e, ao final do texto, como

⁶ Devido ao espaço deste artigo, não abordaremos nenhum referencial sobre a pesquisa narrativa ou autobiográfica. Para melhor compreensão a respeito dessa metodologia de pesquisa, sugerimos a leitura de CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

resultado das lições aprendidas, são apresentadas algumas recomendações a esses profissionais.

Por se tratar do gênero acadêmico, que, como sabemos, é um gênero fortemente institucionalizado e pressupõe uma lógica de escrita que deve seguir pelo menos alguns passos imprescindíveis para que seja aceito como tal, a pesquisadora relata que sua escolha trouxe algumas dificuldades para ela, já que a escrita de uma carta pessoal pressupõe uma linguagem mais coloquial e mais espontânea do que a escrita de uma dissertação. Portanto, Soligo se lançou em uma tarefa nada fácil, em que, através da escrita das cartas, teve de dar conta de explicitar aos seus interlocutores a natureza da temática de sua pesquisa, os pressupostos teóricos, a relação existente entre a questão central, os objetivos e as perguntas de pesquisa, e quais os aportes metodológicos utilizados para chegar aos resultados da investigação.

Após essa breve contextualização da dissertação por nós analisada, apresentaremos, na próxima seção, alguns conceitos importantes que norteiam nossa investigação, tais como: a construção da escrita pela perspectiva espacial, espaço público e privado, escrita/letramento acadêmico como prática social, gêneros do discurso; além disso, lançaremos mão de uma breve abordagem dos conceitos bakhtinianos de forças centrípetas e centrífugas, que nos auxiliarão a compreender as relações existentes e o embate de forças que ocorre na escrita da pesquisadora.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de adentrarmos no referencial teórico propriamente dito, se faz necessário ressaltar que a análise empreendida neste artigo consiste em uma articulação entre as teorias abordadas em nossas pesquisas de mestrado, que, ao longo do ano de 2015, estavam em andamento. Dessa articulação, os conceitos relacionados a texto, discurso, gênero e letramento(s) se sobressaem a partir do viés espacial.

A escolha por articular os três referenciais aqui abordados, isto é, Estudos sobre Espaço, Novos Estudos do Letramento e Análise Dialógica do Discurso, foi motivada após cursada a disciplina *Tópicos Especiais em Perspectiva Espacial nos Novos Estudos de Letramentos II*, componente curricular dos cursos de Mestrado/Doutorado em Letras/Linguística Aplicada, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, disciplina ministrada pela Prof^{fa} Dr^a Camila Lawson

Scheifer.

Ao longo da disciplina houve um entendimento a respeito de uma série de relações que poderiam ser feitas entre os estudos que estavam sendo desenvolvidos em nossas dissertações e as agendas de pesquisa que foram apresentadas no curso, implicando assim no desenvolvimento dessa temática como produto final. Após terem sido feitos esses esclarecimentos, necessários para o entendimento a respeito da articulação teórica por nós abordada, apresentamos, a seguir, uma breve discussão sobre os conceitos explicitados acima.

7

3.1 A construção de uma escrita híbrida através do embate de forças centrípetas e centrífugas

A concepção de linguagem proposta por Bakhtin e seu Círculo, a qual tomamos por base neste estudo, considera a língua para além de um sistema estático, ou de um conjunto de regras, mas como uma prática social, através da interação entre os sujeitos social e historicamente situados nas mais diversas situações de interlocução e de sua participação nas diferentes esferas da atividade humana. A comunicação verbal concreta se realiza através de enunciados únicos e irrepetíveis, que mobilizam formas repetíveis da língua, mas não se restringem a elas, já que essas fórmulas podem ser empregadas diversas vezes na utilização de uma mesma frase, mas jamais constituirão o mesmo enunciado, pois o contexto de enunciação não será mais o mesmo.

As diferentes esferas da atividade humana criam os chamados gêneros do discurso, que, segundo definição de Bakhtin (2011, p. 262), consistem em “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que organizam o dizer nas mais diversas esferas de uso da linguagem. A estabilidade dos gêneros é o que permite a participação social dos sujeitos nas diferentes esferas, fazendo com que esses sujeitos se apropriem de determinados modos de interlocução mobilizados na utilização de diferentes gêneros. Porém, é o termo “relativamente” que irá garantir que os gêneros não se apresentem como formas fixas, mas se adaptem e se adéquem às necessidades reais de comunicação dos falantes, o que permite que os gêneros frequentemente se modifiquem, se fundam e, até mesmo, deem origem a outros gêneros.

Considerando a classificação do autor, que divide os gêneros discursivos em

primários e secundários, podemos afirmar que esses modos de interlocução mobilizados pelo sujeito nas situações de interação incluem desde as práticas sociais mais cotidianas, que mobilizam os gêneros primários, como o diálogo face a face, a escrita de um bilhete, ou de uma carta para um amigo, por exemplo, até situações mais complexas de interação social, inscritas nos gêneros secundários, as quais exigem o domínio de determinados conhecimentos específicos por parte do sujeito, como é o caso dos gêneros que circulam na esfera acadêmica.

No caso da dissertação analisada, a necessidade de fazer-se ouvida e, dessa forma, trazer possíveis contribuições para a área da educação, fez com que a pesquisadora empregasse outra forma composicional na escrita do gênero acadêmico: a da carta, passando sua escrita a transitar por um entre-lugar, ora com o emprego das formas composicionais da carta, ora do gênero acadêmico dissertação e fazendo uso ainda de marcas de narrativa. Essa escrita híbrida revela um caráter de simultaneidade de eventos, resultando na construção não convencional do gênero em questão. A simultaneidade se dá na tentativa da pesquisadora de aproximar ao máximo sua escrita às regularidades da carta, mas que, ao mesmo tempo, não pode abandonar por completo as regularidades exigidas pela academia na escrita de uma dissertação, sob pena de não cumprir com as exigências impostas por seu curso de mestrado.

As regularidades do gênero dizem respeito a sua estabilidade e estão relacionadas ao conceito de forças centrípetas, que garantem a recorrência de elementos que ajudam a identificar o gênero e seu uso adequado em cada esfera social. Porém, é o caráter flexível e a plasticidade dos gêneros que garantem os mais diversos usos que os falantes fazem deles e sua adequabilidade às situações reais de comunicação. Essa relatividade genérica liga-se às forças centrífugas, as quais atuam fortemente na construção da escrita da autora da dissertação analisada.

Nesse sentido, através do embate de forças centrípetas e centrífugas, Soligo avança em uma tentativa de quebra de dualidades e oposições binárias, como por exemplo, a objetividade (que, geralmente, compõe o gênero acadêmico) e a subjetividade (presente na escrita de uma carta pessoal, visto que há outros tipos de cartas não-subjetivas, como a carta reivindicativa ou de apresentação/desligamento de funcionários em uma empresa). Por atuarem no sentido da estabilidade do gênero discursivo, as forças centrípetas, em nosso caso, agem principalmente a partir do poder da lógica dos gêneros institucionalizados, como é o caso dos gêneros acadêmicos

(principalmente dissertações e teses). Já as forças centrífugas, que estão relacionadas à relatividade do gênero, conforme pontua Bakhtin, se dão nas linhas de fuga. No caso da dissertação analisada, as forças centrífugas atuam no momento em que a pesquisadora consegue aproximar sua escrita à forma composicional da carta, e, dessa forma, torná-la uma escrita subjetiva.

O embate de forças, portanto, se dá através das relações existentes entre a poderosa lógica instituída dos gêneros acadêmicos e do desejo instituinte da pesquisadora em ultrapassar as fronteiras desse gênero. Assim, sua escrita permanece em um entre-lugar, apresentando-se de forma híbrida, ao passo que se aproxima da forma composicional da carta, mas, ao mesmo tempo, não pode abandonar a lógica e as regularidades impostas pela academia. Na tentativa de vencer as regiões limítrofes da escrita acadêmica, a pesquisadora adentra em uma região fronteira, que revela a simultaneidade de práticas e eventos próprios do chamado terceiro espaço, o qual abriga a desterritorialização e a reterritorialização de saberes, permitindo, assim, a entrada do novo no mundo, que após instalar-se e instituir-se deixará de ser novo (SCHEIFER, 2013).

É importante lembrar que não há um gênero carta, visto que existem diversos tipos de cartas, as quais atendem a diversos propósitos comunicacionais. Portanto, carta em si não é um gênero, já que a especificidade de cada carta irá depender de seu projeto de dizer. A exemplo disso, temos a carta pessoal, a carta de demissão, a carta reivindicativa, entre outras. Nesse sentido, o que define o gênero é seu propósito comunicativo, seu projeto de dizer, motivo pelo qual afirmamos desde o início de nossa reflexão que a dissertação analisada apresenta-se na forma composicional de um conjunto de cartas, ou seja, não são cartas reais, mas simulacros de cartas empregados na escrita de uma dissertação.

Isso implica afirmar que as cartas que compõem a dissertação não autorizam que esta seja classificada como um conjunto de cartas reais, já que essas cartas são apenas endereçadas, mas não enviadas e, portanto, não atendem ao propósito comunicativo da carta. Pelo contrário, a escrita da pesquisadora se aproxima composicionalmente da escrita de cartas, mas não deixa de inscrever-se no gênero acadêmico dissertação, já que atende a esse proposto específico, a esse projeto de dizer, que é o de registrar os resultados de uma pesquisa acadêmica através da análise de dado tópico, por meio de uma metodologia específica, com objetivos específicos e embasada em dada teoria.

Sendo assim essa escrita só pode ser realizada por um sujeito com formação específica, autorizado por seus pares, nesse caso, pelo sujeito candidato à obtenção do título de mestre.

3.2 A escrita/letramento acadêmico como uma prática social e situada

Para abordarmos as questões relacionadas ao letramento acadêmico da forma como estamos entendendo esse conceito, isto é, conforme definido por TORRES (2007), como uma concepção da escrita acadêmica que a considera como uma prática socialmente contextualizada, se faz necessário partirmos do entendimento do que sejam os Novos Estudos do Letramento, termo originado do inglês *The New Literacy Studies*, que, nas palavras de SCHEIFER, denomina um conjunto de trabalhos em torno

(...) da noção de que qualquer prática e/ou evento de letramento é fortemente marcada e informada pelas especificidades culturais, sociais e históricas de seu contexto, sendo o contexto, em termos gerais, entendido como o pano de fundo sobre o qual a ação sócio-histórica se desenrola (SCHEIFER, 2014, p. 3).

Esses trabalhos envolvem pesquisadores que fazem parte do The New London Group (1996); Gee (1996; 2000); Barton (1994); Barton et al. (2000); Cope e Kalantz (2000; 2009), os quais “tomam os letramentos como prática social, cultural e historicamente situada” (SCHEIFER, 2014, p. 4), postulando, dessa forma, uma concepção do letramento como prática social, em que a relação do indivíduo com a escrita não mais é vista puramente como o domínio do código escrito, mas como uma prática socialmente situada, que considera a cultura desse indivíduo, suas crenças, valores, ideologias e o contexto sócio-histórico no qual ele está inserido. Essa nova noção de letramento inclui uma abordagem da escrita relacionada com o funcionamento da linguagem e com os usos que os indivíduos fazem dela nas mais variadas esferas e grupos sociais dos quais fazem parte.

Em uma abordagem de ensino que vise à apropriação da escrita acadêmica e que se filie a essa concepção de letramento, haverá a preocupação com o planejamento de atividades que relacionem a prática escrita ao contexto social do estudante, possibilitando que este construa sentido de acordo com sua participação na sociedade e

com sua realidade cultural, social e histórica de uso da língua. Nesse sentido, o letramento acadêmico conceitua a escrita na academia como uma prática social situada, significativa, em que o estudante possa estabelecer conexões entre a prática de escrita solicitada nas atividades acadêmicas de cada disciplina com suas atividades reais provenientes de sua atuação e participação nas diferentes esferas sociais de uso da linguagem.

Através do desenvolvimento de práticas contextuais e situadas, torna-se possível que o estudante consiga estabelecer relações entre os objetivos das atividades propostas nas disciplinas acadêmicas e sua vida cotidiana fora do ambiente institucional. Portanto, para que as atividades acadêmicas se mostrem de acordo com a concepção de uso significativo e contextualizado da linguagem, postulada pelos Novos Estudos dos Letramentos, seu desenvolvimento em cada disciplina deverá ser planejado e organizado para além da simples aferição do professor com relação a determinadas capacidades intelectuais e/ou cognitivas do aluno, mas sim de acordo com o contexto específico, cultural, social e histórico em que os estudantes estão inseridos.

3.3 A construção da escrita a partir do espaço público e privado: Uma abordagem dessa atividade pela perspectiva espacial dos estudos de letramento

No que concerne aos estudos espaciais, segundo Scheifer (2014), é a partir do trabalho de Lefebvre (1991) que a perspectiva do espaço como *container* da atividade, pré-existente aos eventos em si passa a ser desafiada. O espaço não mais é visto como um pano de fundo das atividades dos sujeitos, em que as ações humanas se desenrolam e são descritas e entendidas de forma subordinada à dialética história e sociedade. A nova perspectiva espacial, fundada por Lefebvre, constitui a chamada virada espacial ao revelar a natureza dinâmica do espaço e seu papel determinante na construção de sentidos empreendida pelos sujeitos em suas práticas sociais. Dessa forma, o espaço constitui e é constituído pelo sujeito. A espacialidade define e modifica comportamentos, constrói significados e age de forma a determinar a construção das identidades sociais. Sobre o papel e a produção do espaço Lefebvre diz que:

A crítica e a recusa do espaço absoluto equivalem à rejeição de uma representação, aquela de um *continente* que um conteúdo, a matéria, o corpo

vem preencher. Nessa representação, o continente (formal) e o conteúdo (material) são *indiferentes* um ao outro e não apresentam, portanto, uma diferença discernível [apreensível]. (...) O corpo, com suas capacidades de ação, suas energias, faria o espaço? Sem dúvida, mas não no sentido em que a ocupação “fabricaria” a espacialidade - no sentido de uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre o desenvolvimento no espaço e a ocupação do espaço. Antes de *produzir* (efeitos, na matéria, nos instrumentos e nos objetos), antes de se *produzir* (se alimentando) e de se *reproduzir* (pela geração de um outro corpo) cada corpo vivo *é* um espaço e *tem* seu espaço: ele aí se produz e o produz (LEFEBVRE, 2006, p. 138 [grifos no original]).

O espaço, que antes era “caracterizado como uma categoria estática meramente descritiva das práticas sociais e subordinada à dialética história e sociedade” (SCHEIFER, 2014, p. 4) e, dessa forma, pensado apenas pelo prisma do material (espaço da casa, da rua, do ambiente de trabalho), ou então, pelo prisma geográfico no sentido de território, demarcado por fronteiras bem definidas, passa a ser compreendido em toda sua complexidade e simultaneidade de eventos. Conforme Lefebvre “todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição na inteligência e na junção material de elementos dos quais se *produz* a simultaneidade” (LEFEBVRE, 2006, p.6 [grifos no original]).

A complexidade e simultaneidade de eventos que circundam a noção de espacialidade trazem à tona a discussão sobre terceiro espaço, que é definido como um entre-lugar, um lugar de transição, uma região fronteira, que cria eventos novos através de uma dinâmica de movimento e de hibridização. Quando pensamos em espaço geográfico, por exemplo, pensamos nos estados-nação, com suas línguas bem definidas, sua cultura, sua identidade, tudo isso agindo no simbólico dos indivíduos, os quais necessitam identificar-se de alguma forma como ocupantes/pertencentes deste ou daquele espaço. Isso tudo tem a ver com as questões territoriais, com sentir-se parte de algum lugar, de algum espaço bem definido, com demarcar o território, através de uma noção de suas margens, das linhas imaginárias que delimitam esse espaço e dão uma noção de orientação com relação à espacialidade. Segundo Lefebvre:

(...) Para aí discernir “alguma coisa”, é necessário introduzir eixos e uma origem, uma direita e uma esquerda, isto é, uma direção dos eixos, uma orientação. (...) Leibniz quer dizer que é necessário *ocupar o espaço*. O que ocupa o espaço? Um corpo. Não o corpo em geral, a corporeidade, mas um corpo definido, que indica uma direção de um gesto, uma rotação se revirando, que demarca e orienta o espaço. Para Leibniz, o espaço é *absolutamente relativo*, isto é, dotado de uma abstração perfeita que faz dele, para o pensamento matemático, o original (passando facilmente por transcendência) e de um caráter concreto (é nele que os corpos existem e manifestam sua existência material) (...) (LEFEBVRE, 2006, p. 137 [grifos no original]).

Nesse sentido, geograficamente falando, é nas regiões de limite territorial que se encontra o terceiro espaço, em que os sujeitos não podem ser definidos como parte deste ou daquele lado da fronteira, mas como habitantes de um lugar de passagem, onde entram em contato diferentes dialetos, costumes, culturas e, assim, ocorre o fenômeno de hibridização. É a partir do terceiro espaço que ocorre a entrada do novo no mundo, através de um processo de desterritorialização e reterritorialização, e, ao passo que esse novo instala-se e institui-se ele deixa de ser novo, passando a ser constituído como algo dado, já conhecido. Para Lefebvre,

Trata-se, afinal, de declarar que a passagem de um modo de produção a outro apresenta o maior interesse teórico, enquanto efeito de contradições nas relações sociais de produção, que não podem deixar de se inscrever no espaço, subvertendo-o. Cada modo de produção tendo, por hipótese, seu espaço *apropriado*, um novo espaço se produz durante a transição. O modo de produção considerado como acabado (sistema fechado) passa por objeto privilegiado; o pensamento ávido de transparência ou de substancialidade ou de ambos tem uma predileção por um tal “objeto”. Ao contrário, as transições revelarão a produção de um espaço novo, pela seqüência [*sic*] ordenada (LEFEBVRE, 2006, p. 46 [grifos no original]).

Com relação às questões de letramento a partir da problemática espacial, estas foram inicialmente abordadas através da noção de espaço geográfico e material (o espaço da sala de aula, por exemplo), em torno da qual havia a crença de que o espaço servia apenas como suporte que continha sujeitos, artefatos e objetos. Nesse sentido, acreditava-se em uma categoria espacial estática, que atuava como pano de fundo, sem interferir na dinâmica dos eventos sociais. Por essa ótica espacial estática, a ocorrência dos eventos e práticas sociais era considerada linearmente, de forma subsequente e organizada na superfície espacial, a qual se acreditava servir apenas para abrigar a materialização e transformação dessas práticas em realidade concreta.

Com os Novos Estudos de Letramento, ligados a uma perspectiva espacial baseada na dialética espaço-história-sociedade, postulada pelo geógrafo Soja, discípulo de Lefebvre, essas barreiras se rompem, o espaço passa então a ser considerado para além de sua realidade material e, dessa forma, sua natureza dinâmica, social e dialógica passa a ser reconhecida. A partir daí, o letramento, que passa a ser entendido como uma prática social e situada, que leva em conta o contexto sócio-histórico dos indivíduos, sua cultura, suas crenças, seus valores e suas ideologias, passa a ser considerado também em sua estreita relação dialógica com o espaço como produtor de sentidos.

Essa nova concepção de letramento vai além da noção de uma prática da escrita em que haja o simples domínio do código da língua por parte do indivíduo, mas inclui uma abordagem da escrita relacionada com o funcionamento da linguagem e com os usos que os indivíduos fazem dela nos mais diversos espaços sociais, culturais e históricos, levando em conta as diferentes esferas de comunicação e os diferentes grupos sociais dos quais esses indivíduos fazem parte. Nesse sentido, o espaço não mais é visto apenas como suporte onde os eventos de letramento se desenrolam, mas como parte integrante dos significados construídos e dos sentidos atribuídos pelos sujeitos em suas práticas letradas.

Dentre os tipos de espacialidades e de sentidos que esses espaços produzem, nos centraremos, principalmente, nos conceitos de espaço público e privado. Os termos público e privado, no sentido de propriedade, podem ser relacionados, no caso do que é público, a espaços de uso coletivo: ruas, praças, parques, igrejas etc., ou ainda a instituições e edificações pertencentes ao governo: escolas, universidades, prefeituras etc.; já no caso do que é privado entende-se espaços de uso particular, pertencentes a um indivíduo ou a um grupo restrito de indivíduos: casas, clubes, agremiações etc.

As definições que circundam os termos público e privado suscitam variadas interpretações e atribuições de sentidos diversos. De acordo com as definições encontradas no dicionário de Língua Portuguesa Aurélio, por público entende-se como algo:

1. Relativo, pertencente ou destinado ao povo, à coletividade, ou ao governo de um país. 2. Que é de uso de todos, ou que está aberto ou acessível a quaisquer pessoas: *hospital público, concurso público*. 3. Conhecido de todos; manifesto, notório. 4. Que se realiza em presença de testemunhas, perante pessoas; não secreto: *ato público*. 5. Conjunto de pessoas que assistem a um espetáculo, a uma reunião, etc.; audiência, assistência. 6. Conjunto de pessoas às quais se destina uma mensagem artística, publicitária, etc. (AURÉLIO, 2004, p. 664-665[grifos no original]).

O mesmo dicionário apresenta a definição do termo privado como sendo algo que não é público, já para o termo privacidade a definição encontrada é a de algo que é íntimo (p. 654); nesse mesmo sentido encontramos a definição do termo privativo como algo que é peculiar, próprio; de propriedade ou uso exclusivo; particular (p. 655). Podemos entender, então, que as definições que circundam o termo privado são contrárias àquelas que definem o que é público, ou seja, o termo privado recobre a definição de algo que pertence a um indivíduo particular, ou que é pessoal, que possui

caráter restrito e confidencial.

Pensando em nosso objeto de análise, isto é, a dissertação *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*, a qual consiste na escrita atípica de um gênero acadêmico, já que se apresenta na forma composicional de um conjunto de cartas endereçadas a interlocutores reais, se faz necessário relacionar os conceitos de espaço público e privado com a análise a que nos propomos neste artigo, já que as especificidades da escrita de uma carta pessoal e de uma dissertação de mestrado se apresentam inscritas em espacialidades de escrita tão adversas.

Consideremos a escrita da carta que, geralmente, é uma escrita íntima, pessoal, confidencial, restrita à leitura de seu destinatário e, portanto, se apresenta como uma escrita de caráter privado, pelo menos no caso da carta pessoal, visto que há outros tipos de cartas não subjetivas, conforme já foi discutido anteriormente. Em contrapartida, a escrita de uma dissertação se apresenta como uma escrita que se constrói a partir de um espaço público, ou seja, consiste em uma escrita da qual qualquer pessoa poderá ter acesso, pois estará disponível para consulta na biblioteca da universidade da qual a pesquisa faz parte; além disso, o próprio processo de escrita acontece de forma aberta, sujeito a constantes avaliações e contribuições por parte do orientador do trabalho, da banca de qualificação e de outros professores e/ou colegas de grupos de pesquisa e demais disciplinas do curso de mestrado.

Dessa forma, é interessante relacionar os conceitos de espaço público e privado com a análise a que nos propomos neste artigo, a qual discute, à luz da perspectiva espacial, a construção da escrita atípica da dissertação citada. Fazendo um contraponto entre esses dois tipos de escrita, isto é, o da carta pessoal e o da dissertação, é possível notar que suas especificidades com relação ao público e privado são completamente adversas, já que a primeira se inscreve e se constrói em uma espacialidade da escrita privada e a segunda se apresenta como uma escrita de caráter público.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Voltando ao ponto inicial deste texto, vejamos abaixo o trecho que encerra a Carta à Academia:

(...) Por falar em provocação, para encerrar esta carta de esclarecimentos, farei uma despretenhosa (...).

Se houvesse essa categoria, talvez pudéssemos dizer que os textos acadêmicos são antônimos das cartas.

Em geral, eles são impessoais. Elas não.
Em geral, eles escondem as intenções. Elas não.
Em geral, eles são difíceis. Elas não.
Em geral, eles são formais. Elas não.
Em geral, eles se fazem passar por outros. Elas não.
Em geral, eles não são produzidos com desejo. Elas sim.
Em geral, eles não são manipulados com prazer. Elas sim.
Em geral, eles não têm emoção. Elas sim.
Em geral, eles não são acessíveis. Elas sim.
Em geral, eles não são sedutores. Elas sim.
Em geral, eles não são procurados. Elas sim.
Em geral, eles são masculinos. Elas são femininas quase sempre.
Em geral. Apenas em geral (SOLIGO, 2007, p. 21).

A argumentação observada no trecho acima, em favor da carta com relação ao texto acadêmico, estende-se pela construção da escrita de toda a dissertação analisada, fazendo parte de sua arquitetura e de seu projeto de dizer. A pesquisadora tem como instrumento de análise 32 memoriais de autoria de profissionais que atuam principalmente na área da educação, profissionais estes que, segundo ela, compartilham a característica de “militância na profissão”. Através da escrita desses memoriais, os sujeitos de sua pesquisa narram as experiências pessoais e profissionais que contribuíram de forma mais significativa para sua formação. Assim, a construção da argumentação da pesquisadora gira em torno da ideia da importância e da potência das narrativas pedagógicas para que os educadores documentem e socializem seus conhecimentos.

O termo “militante” é utilizado por Soligo para designar aqueles profissionais que não medem tempo nem esforços para mudar a realidade das instituições das quais fazem parte. A própria pesquisadora se insere nessa classificação de militante e é justamente essa identidade instituinte que motiva sua escolha pela carta para registro de sua pesquisa. O fato de querer contribuir de alguma forma com os sistemas de ensino, ao deixar ao final do texto como resultado das lições apreendidas, algumas recomendações aos responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de educação e de formação, é o que faz com que Soligo escreva para ser lida. Vejamos o trecho abaixo:

O excesso de pragmatismo, do qual não conseguiria me livrar mesmo que eu

quisesse, não me permite ocupar uma vaga no programa de pós-graduação de uma universidade pública sem que nenhum benefício se reverta, ainda que de forma indireta, para a educação escolar dos nossos alunos. De nada teria servido o discurso e a militância de quase trinta anos se assim não fosse (SOLIGO, 2007, p. 48).

Como vimos, pela perspectiva dos estudos espaciais, o espaço não se constitui como uma categoria estática, que age apenas como pano de fundo para as ações dos sujeitos, mas integra essas ações em uma relação dialógica, de forma que constrói e ao mesmo tempo é construído por elas. A identidade instituinte e militante da autora da dissertação, bem como dos demais participantes de sua pesquisa é construída a partir das experiências espaciais de formação pessoal e profissional desses sujeitos. Um exemplo disso é o relato que segue, em que Soligo fala sobre ter vivenciado o esforço e as horas infindáveis de trabalho de sua mãe, também professora:

(...) O convívio com o empenho cotidiano – para mim um sacrifício inexplicável! – de minha mãe para ensinar crianças da zona rural, as infinitas horas de planejamento solitário do trabalho e de preparação de materiais para os seus alunos, a necessidade de separar-me dela e de meu pai quando ingressou como professora efetiva na fronteira do estado, a necessidade de trabalhar de dia e estudar à noite em outra cidade, foram apenas algumas das circunstâncias que, até os dezenove anos, me afastaram da opção pelo Magistério. (SOLIGO, 2007, p. 22-23).

A partir desse trecho percebemos um conflito identitário vivenciado pela pesquisadora, que procura se afastar da profissão docente por saber da luta diária de sua mãe em prol da garantia de angariar um bom resultado e o sucesso escolar de seus alunos. Porém, foi justamente essa configuração do espaço familiar em que Soligo cresceu que agiu de forma a construir sua identidade militante e seu desejo instituinte. No próximo trecho, o relato da pesquisadora sobre o momento em que decidiu ser professora nos mostra que a relação com o outro e a configuração da espacialidade pessoal e profissional vivenciada por ela foram decisivas para a construção de seu Eu instituinte:

Nunca desejei ser professora até pisar em uma sala de aula, depois de habilitada em um curso de Magistério de Ensino Médio, por insistência de minha mãe, professora da rede pública desde 1959, quando nasci. (...) Mas, professora habilitada a contragosto (...) fui parar em uma escola de Itaquaquecetuba, na grande São Paulo, para um primeiro trabalho, como professora substituta de uma 4 série, no terceiro bimestre letivo. Impacto logo na experiência inaugural: eu pouco sabia que pudesse ajudar aqueles alunos! Nem o curso de Magistério e nem os dois anos já estudados na

Faculdade de Psicologia me ofereciam o subsídio necessário para ser uma profissional competente. A única coisa que eu poderia oferecer àquelas crianças pobres era o que eu conseguisse aprender pelo meu próprio empenho, com a minha garra e por coerência com o meu compromisso ideológico com os filhos da classe trabalhadora – para utilizar uma expressão comum na época.

Talvez seja exatamente esse o momento em que escolhi a minha profissão e em que dei o primeiro passo no meu processo de autoformação, que nunca mais deixei de cultivar (Idem, ibidem, p.22-23).

Nesse sentido, a interação com o outro e a característica espacial dinâmica e dialógica agem constituindo a identidade do sujeito. No caso da autora da dissertação analisada, são esses fatores que a constituem como uma profissional militante, com o desejo de mudar a realidade das instituições das quais fez ou ainda faz parte. O desejo de ser lida, a necessidade de fazer-se ouvida e, dessa forma, garantir que sua pesquisa traga possíveis contribuições para a área da educação é o que determina sua escolha por registrar os resultados de sua pesquisa de mestrado através da forma composicional de um conjunto de cartas.

A identidade militante e o desejo de mudança da pesquisadora, que não permitem que ela se conforme com a realidade da forma como se apresenta – com suas regras impostas e suas posições binárias, através da demarcação de fronteiras bem delimitadas –, fazem com que ela proceda de certa forma, tentando ultrapassar os limites do gênero acadêmico. Essa tentativa de Soligo, no entanto, acaba resultando na construção de uma escrita híbrida, em que se instala a simultaneidade de eventos a partir do momento em que são utilizadas ora as formas composicionais da carta e marcas de narrativa, ora as formas do gênero acadêmico dissertação, resultando, assim, na construção não convencional do gênero. Por se tratar de uma dissertação, certa lógica específica teve de ser seguida pela autora e disso ela não pôde fugir, conforme ela mesma justifica em seu texto: “(...) a lógica de um texto acadêmico, cujo conteúdo é o registro de uma pesquisa, se impõe poderosamente sobre a forma. Essa lógica instituída teve mais poder do que meu desejo e meu esforço instituinte (...)” (SOLIGO, 2007, p. 62).

A tentativa da pesquisadora de aproximar a escrita de sua dissertação às regularidades da carta revela um processo de desterritorialização (em que ela tenta afastar-se das regularidades de escrita do gênero acadêmico) e reterritorialização (espaço em que nasce uma nova escrita, uma escrita híbrida, não convencional, em que se faz presente a simultaneidade de eventos. Essa simultaneidade se dá porque, por mais

que ela tente registrar sua pesquisa através da escrita de cartas, ela não pode abandonar por completo as regularidades exigidas pela academia na escrita de uma dissertação, sob pena de não cumprir com as exigências impostas por seu curso de mestrado.

É importante ressaltar que, por mais próximo que essa escrita possa ter chegado das regularidades de um conjunto de cartas, ela não se constitui como a escrita de cartas em si, mas como um simulacro da carta, já que as cartas da dissertação são apenas endereçadas, mas não enviadas e, portanto, não cumprem o projeto de dizer de uma carta, e sim o de uma dissertação de mestrado. A dissertação de Soligo, ao invés de dividir-se em capítulos, como normalmente se dividem dissertações e teses, apresenta um conjunto de cartas que dão conta de todas as partes que compõem a escrita de uma dissertação, inclusive as partes com estruturas mais rígidas, como o referencial teórico, a metodologia, a análise dos dados etc. Cada seção (capítulo) dessa dissertação apresenta elementos linguísticos e enunciativos próprios da carta, como o uso de vocativo, local e data e, ao final da seção, o emprego da saudação. Além disso, as seções apresentam marcas de narrativa, que são mais fortemente marcadas em algumas seções do que em outras, conforme seu grau de rigidez, conforme dissemos antes.

Por se apresentarem como um simulacro da carta, as cartas da dissertação analisada não se classificam como uma comunicação diferida, ou seja, não imediata, no sentido de precisarem estar ancoradas em um determinado tempo, espaço e em uma dada relação de interlocução, a fim de serem compreendidas por seus interlocutores, como é o caso da escrita de uma carta real, que, por esse motivo, contém indicação do local e data, além do nome de quem escreve e da pessoa para quem a carta é dirigida (cf. Fiorin, 2008, p. 62). Dessa forma, esses elementos linguísticos da carta são utilizados pela pesquisadora apenas como forma de simular a escrita real desse gênero, já que essas cartas constituem-se apenas como uma comunicação endereçada, mas não enviada e por isso são apenas simulacros de cartas reais.

Quanto ao interlocutor para quem essas cartas são endereçadas, notamos que não precisa, necessariamente, ser uma pessoa em específico, mas o detentor de um cargo, por exemplo. No caso da carta ser endereçada ao Secretário de Educação, não importa se esse secretário é X ou Y, poderá ser qualquer pessoa que esteja ocupando esse cargo no momento. Nesse caso,

se, por exemplo, a carta estiver endereçada ao Secretário do Estado X, podemos inferir que a pesquisadora está se referindo a determinado problema ou boas realizações com relação a esse Estado X, mencionado na escrita da carta em questão.

Pensando no espaço de escrita, isto é, no espaço em que esse processo de escrita se produz, podemos dizer que ele é determinante para que essa escrita se configure como uma dissertação e não como um conjunto de cartas. Conforme vimos anteriormente, a configuração espacial da escrita de uma dissertação se constrói a partir de um espaço público, já que consiste em uma escrita aberta, acessível a qualquer pessoa e conta com constantes avaliações e contribuições por parte do orientador e de outros pesquisadores. Além disso, depois de concluído o trabalho, este estará disponível para consulta na biblioteca da universidade da qual a pesquisa faz parte. Em contrapartida, o espaço de escrita de uma carta, geralmente, configura-se como um espaço privado, já que conta com uma escrita íntima, pessoal, confidencial, restrita à leitura de seu destinatário, pelo menos no caso da carta pessoal.

Esse espaço de escrita da dissertação, que está configurado para servir ao projeto de dizer do gênero dissertação, cumprindo com os objetivos do registro de uma pesquisa em prol da obtenção de determinada titulação pelo pesquisador é o que autoriza que, mesmo na forma composicional de um conjunto de cartas, o texto da pesquisadora se constitua como uma dissertação e seja aceito como tal pela banca examinadora. A aprovação da pesquisadora como mestre

(...) marca uma posição da banca avaliadora: a de aceitar trabalhos que não se enquadram em formas de composição cristalizadas, mas apresentam uma forma arquitetônica que cumpre os requisitos acadêmicos. Trata-se de uma abertura para uma nova Linguística Aplicada, tanto em termos de estrutura como de tratamento do tópico (PEREIRA, 2015, p. 10).⁷

Essa abertura para uma nova Linguística Aplicada parte de ações como a desta pesquisadora e de sua escrita em um terceiro espaço, através do qual, conforme postulado por Scheifer (2013), o novo entra no mundo e após instituir-se esse novo deixa de ser visto como algo novo e passa a ser visto como algo dado, conhecido.

Pensando ainda na questão da construção da escrita a partir do espaço público e

⁷ Palavras de Adail Sobral em seu prefácio do livro *Reinterpretando silêncios: reflexões sobre a docência negra na cidade de Pelotas-RS*, de autoria de Olga Pereira – PPGL UCPel, fruto do doutorado da autora sob sua orientação.

privado, sabe-se que a escrita de uma carta pessoal se dará como uma escrita fechada, já que se constitui de uma escrita pessoal, ao contrário da escrita de uma dissertação que é uma escrita aberta porque se constitui a partir de um espaço público. Porém, as cartas que compõem a dissertação analisada se configuram como cartas abertas, já que servem ao projeto enunciativo de registro de uma pesquisa e não da carta em si e, portanto, devem apresentar-se de forma acessível à leitura de qualquer pessoa.

Desse modo, o embate de forças centrípetas e centrífugas na escrita da dissertação analisada se dá principalmente em dois momentos: 1. A partir da construção de uma escrita híbrida, resultante do uso tanto das formas composicionais da carta como do gênero acadêmico; 2. Através da escrita a partir do espaço público e privado. Esse embate de forças centrípetas e centrífugas põe a escrita dessa dissertação em um terceiro espaço, em que há a simultaneidade de eventos agindo na construção de uma escrita não convencional do gênero acadêmico. A partir dessa escrita não convencional, a pesquisadora avança em uma tentativa de quebra de dualidades e oposições binárias, como por exemplo, a objetividade (que, geralmente, compõe o gênero acadêmico) e a subjetividade (presente na escrita de uma carta pessoal), ou então, a escrita fechada, privada de uma carta e a escrita aberta, pública de uma dissertação.

Ao partir do momento em que Soligo não segue a poderosa lógica instituída dos gêneros acadêmicos (principalmente dissertações e teses), sua escrita distancia-se das regularidades e da fixidez normalmente exigida pela academia em prol de sua adequação à necessidade real de comunicação que se estabelece no momento, que é a de ser lida, de fazer-se ouvida e, dessa forma, trazer contribuições para a área da educação. Esse distanciamento das regularidades do gênero está ligada às forças centrífugas (que, por sua vez, estão ligadas à relatividade do gênero, conforme pontua Bakhtin), pois acontecem a partir das linhas de fuga. No caso da dissertação analisada as forças centrífugas atuam no momento em que a pesquisadora consegue aproximar sua escrita à forma composicional da carta, e, dessa forma, torná-la uma escrita subjetiva. Porém a estabilidade do gênero acadêmico, ou seja, suas regularidades, as quais garantem a recorrência de elementos que ajudam a identificar o gênero e seu uso adequado de acordo com a esfera social da qual faz parte, ligada às forças centrípetas, não pôde ser ignorada pela pesquisadora, sob pena desse gênero não ser reconhecido como tal.

Com relação ao embate de forças e ao espaço de construção da escrita da pesquisadora, fazendo um contraponto entre os dois tipos de escrita presentes na

dissertação analisada, isto é, o da carta pessoal e o do gênero acadêmico dissertação, é possível notar que suas especificidades com relação ao público e privado são completamente adversas, já que a primeira se inscreve e se constrói em uma espacialidade da escrita privada e a segunda se apresenta como uma escrita de caráter público. Dessa forma, há aí novamente um embate de forças, que culmina em uma escrita que se constrói a partir dos limites de escrita fechada de uma carta pessoal e de escrita aberta de uma dissertação, permanecendo essa escrita novamente em um terceiro espaço, em um entre-lugar, em que está presente o hibridismo, a partir da construção de cartas abertas, as quais compõem a dissertação analisada. Através da escrita de cartas abertas torna-se possível o cumprimento dos objetivos de registro de uma pesquisa acadêmica, que deve ser pública e estar acessível ao conhecimento de todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, pela ótica da perspectiva espacial, que tem sua base teórica calcada principalmente nos trabalhos dos geógrafos Lefebvre e Soja, o espaço deixa de ser visto como um *container*, que contém sujeitos e objetos, apresentando-se de forma estática, apenas como um pano de fundo para as ações humanas. Nessa nova ótica, destaca-se a característica dinâmica e dialógica do espaço, que constitui e é constituído por essas ações e que integra a construção das identidades sociais.

Com os Novos Estudos do Letramento, a relação do sujeito com a escrita vai além da noção do domínio do código da língua, passando a ser vista como uma prática social e situada, que leva em consideração a identidade do sujeito, sua cultura, suas crenças, costumes e grupos sociais dos quais faz parte. As práticas de letramento passam, então, a serem vistas em relação dialógica também com a espacialidade.

A partir dessa perspectiva teórica e dos estudos de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, bem como de seu conceito de forças centrípetas e centrífugas, analisamos neste artigo a dissertação *Quem forma quem? Instituição dos Sujeitos*, que apresenta uma forma atípica de escrita do gênero acadêmico, já que está composta por um conjunto de cartas endereçadas a interlocutores reais. Nossa análise mostrou que a identidade militante da pesquisadora, bem como seu desejo instituinte, os quais se formam a partir da relação com o outro e da configuração espacial de formação pessoal e profissional da pesquisadora, são elementos determinantes para a

escolha do registro de sua pesquisa na forma composicional de um conjunto de cartas. Essa compreensão a respeito de a configuração espacial ter se revelado como fator determinante para a escolha da forma de registro da pesquisa de Soligo nos foi possível a partir do entendimento com relação à dialogicidade do espaço, isto é, do espaço como produtor de sentido e não apenas como pano de fundo das ações sociais dos sujeitos.

Com relação à construção da escrita da pesquisadora, esta se revelou como uma escrita híbrida, que permanece em um terceiro espaço, em que há a simultaneidade de eventos, a partir da alternância entre o uso tanto das formas composicionais da carta como do gênero acadêmico dissertação. Isso se dá a partir de dois momentos principais: 1. Da construção não convencional do gênero (embate de forças centrípetas – regularidades do gênero acadêmico dissertação – e das forças centrífugas – aproximação das regularidades da carta); 2. Da construção da escrita a partir do espaço público (escrita da dissertação) e do espaço privado (escrita de uma carta pessoal).

O entrelaçamento teórico aqui proposto, ou seja, sob a perspectiva dos Estudos sobre Espaço, Novos Estudos do Letramento e Análise Dialógica do Discurso, nos ajudou a compreender a construção atípica da escrita da dissertação analisada, a qual consiste em um exemplar não convencional do gênero acadêmico em questão. O hibridismo e a simultaneidade de eventos que se revelam a partir da alternância entre o uso de diferentes formas composicionais: a da carta e a do gênero acadêmico, faz com que essa escrita se construa, de certo modo, a partir de uma tentativa de desterritorialização do gênero acadêmico dissertação e de reterritorialização, que ocorre com a aproximação dessa escrita às regularidades da carta.

Entendemos que essa articulação entre os três referenciais por nós abordados, quais sejam: Estudos sobre espaço, Novos Estudos do Letramento e Análise Dialógica do Discurso pode, por exemplo, servir também enquanto referencial para a pesquisa em letramentos digitais. Um exemplo bastante relevante e de bastante interesse por parte de pesquisadores debruçados sobre os letramentos digitais é relacionado aos games e suas possíveis influências para a educação, identidade e cultura adolescente. Afirmamos isso com base no entendimento de que todos os espaços digitais que os sujeitos percorrem, enquanto jogam videogames, são

perpassados por discursos, os quais, além de servirem como base para o entendimento do terceiro espaço (Bhabba, 1998), serão apropriados por esses sujeitos e, como decorrência natural, manifestar-se-ão através da linguagem em uso dos analisados.

Nesse sentido, consideramos que esse referencial pode muito bem ser aplicado na análise de outros objetos, referentes a investigações em que se pretenda mostrar como o caráter dialógico do espaço age na construção da identidade, bem como nas ações dos sujeitos, no âmbito das diferentes esferas de atividade humana, digitais ou não, as quais envolvem a participação desses sujeitos em eventos letrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 6ª Ed., 2011.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 6ª ed., 2008.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- GUIMARÃES, F. T. B. *Uma análise dialógica do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*. 2015. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas – RS, 2015.
- LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (do original: *La production de l'espace*. 4ª éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.
- OLIVEIRA, V. O. *O Game The Grand Theft Auto V como Rede de Letramentos: Um Estudo de Caso*. 2015. 132 p. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas – RS, 2015.
- PEREIRA, O. *Reinterpretando silêncios: reflexões sobre a docência negra na cidade de Pelotas (RS)*. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.
- PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. *Porque escrever é fazer história – Revelações, Subversões, Superações*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- SCHEIFER, C. L. Transdisciplinaridade na linguística aplicada: um processo de desreterritorialização - um movimento do terceiro espaço. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 13, p. 919-939, 2013.
- _____. A virada espacial nos novos estudos de letramento: em busca do terceiro

espaço. *Calidoscopio* (Online), v. 12, p. 3-14, 2014.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOLIGO, R. A. *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*. 2007. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420293> Acesso em 08/09/2014.

TORRES, M. E. A. C. O Letramento Acadêmico como prática social: novas abordagens. *Gestão e Conhecimento* (online), v. 4, p. 1-15, 2007.